

* Reprodução de fotografia colada pelo poeta no seu livro de anotações, encadernado por Tó Teixeira (Acervo Família Menezes).



O AFRICANISMO DE BRUNO DE MENEZES*

* Esta nota foi publicada na 3ª edição de "BATUQUE", em 1940, feita nas oficinas gráficas do "Pará Ilustrado".

Nascimento Moraes é um provector jornalista maranhense, professor do Ginásio de São Luis e um homem de letras muito querido pela mocidade gonçalvina.

Nascimento Moraes

Bruno de Menezes retirou no final do seu livro "POESIA", publicado em 1931, a parte final, "Batuque", coletânea de poemas afro-brasileiros. A esses poemas ajuntou outros gêneros, e publicou, ao princípio deste ano, um livro original, com aquele mesmo nome, "BATUQUE".

Abre o livro um poema cujo nome não está escrito no alto da página, mas que só pode ser o nome do livro.

“Eu tava na minha roça
Maribondo me mordeu” .

O poeta explica com felicidade a atuação do meio:

“Roupas de renda a lua lava no terreiro,
Um cheiro forte de resinas mandigueiras
Vem da floresta e entra nos corpos em requebros” .

E o “motivo” continua:

- Nega qui tu tem?
- Maribondo Sinhá.
- Maribondo num dexe
- Nega trabalhá!”

Vendo o batuque, o poeta recorda, à sua imagem, a tragédia da raça, o sofrimento que a salvou, a dor que a engrandeceu. O afeto que a sublimou, ele sintetizou num verso:

“Mãe preta deu sangue branco a muito sinhô moço...”
E sempre o batuque:

“Maribondo no meu corpo.
Maribondo Sinhál
É por cima é por baixo.
É por todo lugál”

A sensibilidade africana, estranha, e quase sempre intimativa, desorientou o português colonizador, e os primeiros brancos nativos.

Muitos, alvoroçados pelas recordações da costa da África, estavam curiosos de conhecer a negra como mulher.

O “esclavagismo” era, em tudo, uma novidade.

Bruno de Menezes faz a gente pensar em coisas ao longe vão...

Muito se tem escrito a respeito da colonização portuguesa. Que os portugueses fidalgos, donatários das capitâneas, eram uns “prontos” e por isso não puderam promover a prosperidade das capitâneas. Faltava-lhes o necessário: dinheiro. E acrescenta-se: cultura. Que os índios destruíam o trabalho dos portugueses.

Está certo. Mas também as pretinhas deviam ter concorrido para o desleixo dos portugueses. As pretinhas estavam ao alcance da animalidade dos colonizadores. Não custavam dinheiro, nem a pele. As portuguesas e as brancas nativas deviam ter ficado sem merecimento sexual.

Pelo menos num plano inferior. Imagine-se a sensação de novidade à chegada das primeiras levas de escravos. Façam um esforço e transponham-se mentalmente àqueles tempos...Coloquem-se dentro das matas virgens e sintam a emoção de uma natureza feérica que lhes era estranha.

E dentro daquela natureza ponham as negras com suas danças, requebrando os quadris à luz dos aranchotes, ou à luz da lua. Ou nos dias santos de guarda, nas tardes opulentas de cores variegadas da luz espectral. Como as pretas deviam parecer ótimas aos portugueses saídos das alfurjas, dos presídios. Deviam estontear.

Afiguram-se, talvez, demônios negros da sensualidade, saídos do mar.

E adeus colonização! A portuguesada não teve mãos a medir. Para os pretos, chicote e mais chicote.

Para as pretas - aquele jeitinho especial que sempre tiveram e ainda têm para afeiçoar mulatas bonitas.

E não demorou em chegar o tempo das multas. Outra novidade.

Bruno de Menezes descreve:

“A carne transpira e o almíscar da raça
é o cheiro “malino” que sai da mulata
o banjo faz solo no fim do banheiro:
lundus choradinhos batuques maxixes.

E os braços se agitam se afligem batendo,
as coxas se apertam se alargam se roçam,
os pés criam asas voando pousando” .

É o Congo Loanda
AngolaMoçambique,
o o sanguezumbi
tentação do português”.

“Todinha canela em polvilho cheiroso,
folha seca de fumo enrolado no sol,
sua boca recende a acidez que amortece.
se corpo que é todo que nem pau de Angola
deve ser gostosura de morte pedida
depois de dançar.

E o branco sentido xodó pela preta,
agüentando a mareta gemendo no fungo,
bem quer e não pode mas vai de teimoso
se acabar no rebolo da bamba africana” .

“Pai João” é um tipo muito conhecido. É o negro abasileirado. Recebeu durante muitos anos a ação do meio.

Envelheceu, mas deixou uma tradição de valentia que é um misto de temperamento africano e da maneira portuguesa:

“Pai João sonolento e bambo na pacohtra da idade
cisma no tempo de ontem.
de olhos vendo o passado recorda o veterano
a vida brasileira que ele viu e gosou e viveu...
Mãe Maria contou que o pai dele era escravo...
Moleque sagica e teso destro e afoito num rolo,
pai João teve fama de capoeira e navalhista.

Étical Era o pé comendo,
quando a banda marcial safa à rua
com tanto soldado de calça encarnada!

E o rabo de arraia-cabeçada na polícia
xadrez, desordem furdunço no cortiço
E o ronco e o retumbo do zonzo som molengo do carimbó:

Juvená
Juvená
Arrebate
esta faca
Juvená!”

Mãe Preta é uma página lírico-romântica inspirada num africanismo sentimental

“No acalanto africano de tuas cantigas
nos supsiros gementes das guitarras
veiu o doce langor
de nossa voz,
a quentura carinhosa de nosso sangue”.

“Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?”

Foste tu que na Bahia alimentaste o gênio poético de Castro Alves? No Maranhão a glória de Gonçalves Dias?

Terias ungido a dor de Cruz e Souza?
foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta.

“Quando Sinhô e Sinhá Moça
chupou teu sangue, Mãe Preta?”

Bruno de Menezes escreveu interessantes poemas com as festas juninas tradicionais: Marujada, Mastro do Divino, São João do Folclore e Mangericos.
Ao poeta paraense não escapou o estado religioso do negro que recebe o Santo

Hoje até os brancos e as brancas recebem o Santo.

O espiritismo africano merece um estudo especial, porque não há nele o embuste, a indústria de médiuns, nem a especulação de espertos:

“A voz de Ambrosina em “estado de Santo”

virou masculina

o corpo tomou jeito de homem mesmo.

pediu um charuto dos puro baía

depois acendeu soprando a fumaça.

seus olhos brilharam.

aí o “terreiro” num gira-girando

entrou na toada cantada do “ponto”

era a “obrigação” de Mãe Ambrosina

falando quibundo na língua de Mina”.

“Toiá Verequête”....

Toiá Verequête...

As toadas Cachaça, Louvação do Cavalheiro Jorge, Oração da Cabra Preta, Liamba, Gente da Estiva, Escola dos Sapos, Igreja de Arrebalde, Fatura, são páginas admiráveis, de uma originalidade surpreendente.

No Batuque há todas as modalidades poéticas, o ritmo africano domina toda a produção da primeira à última página.

Eu vou fechar esta resenha com o ‘Cheiro de Mulata”:

“O que tú põe

no teu corpo

que ele chêra

até no vento?

Tu não é rosa

nem cravo

nem jasmim

nem ubiganti.

O que tu é

é a Fronzina

que tem tudo

que tem as outras mulhé....

Tudinho não.

Pode sê

que as outraê

que as outra

tenha demais.

Mas pratê

um cheiro bão

só tu mesmo outra não tem!”

Bruno de Menezes escreveu um livro. E o seu valor consiste em mostrar toda a influência sentimental que o negro africano teve e ainda tem na nossa nacionalidade e como da nossa sociedade embrionária chegou até os nossos dias, pelo sangue, pelos hábitos e pelos costumes.

Lendo-se com atenção o livro de Bruno de Menezes vê-se bem que o "africano", apesar da doentia branquidade da maioria dos brasileiros nativos, ainda nos acompanha. Ainda vive no seio da família brasileira, ainda está na mentalidade rude do nosso povo, ainda está em muitos aspectos de nossas relações sociais. E digo mais isso: infiltrou-se de tal jeito que, sem medo de errar, afirmo, que longe de se apagar, mais e mais cresce, pois à medida que os anos se passam, aumenta o número de adeptos de suas crenças, de seus cultos e de suas diversões, algumas até de caráter tradicional, e por isso mesmo até hoje irreprimíveis.

